



Comunicação COVID19
Ponto de situação 27 de Maio

Quarta, 27 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

31.292 CASOS DE COVID-19

MAIS 285 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,91%



ÓBITOS

1.356 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 14 VÍTIMAS MORTAIS (+1,04%)

NORTE-755

CENTRO-235

LISBOA E VALE DO TEJO-335

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

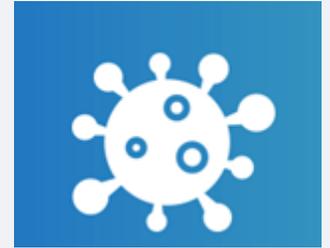
MADEIRA-0

18.349 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.886 AGUARDAM RESULTADOS

316.364 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

510 INTERNADOS (1,62%) / 66 UCI (0,21%)



**Portugal recebe
26,3 mil milhões
com a proposta da
Comissão**

Bruxelas propõe
Fundo de
Recuperação de 750
mil ME – comissário
da Economia

**BCE está mais
pessimista. PIB da
Zona Euro vai cair
entre 8% e 12% em
2020**

Portugal 2020 pagou
760 ME nos últimos 3
meses

**Pagamentos em
atraso aumentam
43,6 ME em abril
para 476,7 ME**

Twitter faz fact-
check a tweets de
Donald Trump



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Só cinco dos quase 2000 presos libertados reincidiram no crime. Entre os 1929 que saíram das cadeias por causa da covid-19, cinco reincidiram e, segundo os serviços prisionais entre estes, quatro já regressaram às celas. Há outros três que voltaram à cadeia por vontade própria. Grande Lisboa torna-se o problema maior da covid-19. PS, PSD e autarcas do Norte contestam rotas da TAP. Funcionários receberam borregos e foram ilibados. NASA volta a lançar missões espaciais sem ajuda da Rússia. Stanley Ho. (1921-2020) O "amigo de Portugal" que transformou Macau. **(Online)- Covid-19. Chamemos-lhe segunda vaga ou segunda onda, os especialistas estão à espera dela.** TAP: Marcelo "acompanha preocupação" com novas rotas e PS lança ultimato. Marcelo promulga proibição de festivais com recados ao Governo sobre Festa do Avante! Medidas contra a pandemia custaram 660 milhões ao Orçamento até abril. Défice está a agravar-se à medida que os impactos económicos da pandemia se fazem sentir. Maior parte dos impostos está em quebra, mas receita líquida do IRS foi mais alta, por causa do menor valor dos reembolsos até ao final de abril. África Oriental: praga de gafanhotos pode aumentar 400 vezes em junho e combatê-la é mais difícil por causa da covid-19. No Quênia, os gafanhotos estão a comer num dia a quantidade total de comida ingerida por todos os habitantes do país em dois dias. Estudo sugere que risco de contágio em espaços fechados é 19 vezes maior do que ao ar livre. Marcelo é a personalidade em que os portugueses mais confiam-Seleções do Reader's Digest. Campos de férias e ATL garantem abertura no Verão, mas ainda esperam por regras claras. Twitter passa a assinalar informação falsa publicada por Trump.



(Edição) Finanças admitem que estão a atrasar os pagamentos dos reembolsos de IRS. "Evolução da receita fiscal de 3,8% é explicada pelo aumento da receita líquida do IRS em 17,8%, associado à

diminuição de reembolsos, mas isto será corrigido nos meses seguintes”, garante o garante o gabinete de Centeno. O défice orçamental disparou. Hoje um foguetão volta a descolar da América. O regresso do drive in. Assistir a filmes e concertos dentro do carro. Todos fechados na Disney. NBA prepara o regresso do espetáculo. Segurança sentida em creches e escolas pode motivar afluência ao pré-escolar. A guerra das máscaras. Biden reaparece a usar uma e Trump critica-o. **(Online) Há mais de 100 potenciais vacinas na corrida. E todas podem falhar.** PSD admite viabilizar orçamento suplementar em junho. Presidente da República acompanha preocupação sobre retoma de rotas da TAP. Sobrelotados e sem condições. Bairros sociais podem propiciar o contágio da covid. Imprensa brasileira suspende cobertura de Bolsonaro por falta de segurança. Liga aprova as cinco substituições nos jogos de campeonato. Ana Leal suspensa pela TVI por divulgar emails trocados com a direção.



SEF caça homicida de rapper - Apanhado no Porto vindo de Inglaterra. Justiça incapaz de cobrar multa de 3,7 milhões a Salgado. Banqueiro condenado. Bens conhecidos já estão arrestados noutra processo. Herói desaparece no mar ao tentar salvar afogado. Stanley Ho (1921-2020) Magnata dos casinos deixa fortuna de seis mil milhões. Covid 19 no Seixal. 16 polícias em casa por causa de homem com vírus baleado. No Name Boys- Juve Leo. Mais um ferido na guerra das claque. Envenenou Menino. Filho contou crimes ao juiz.



Mais de 17 mil casas nos centros históricos pagam IMI sem precisar. Revolta no norte. TAP debaixo de fogo dos autarcas. Duas ligações internacionais a partir do Sá Carneiro, em julho, e 34 em Lisboa. Rui Moreira acusa companhia de “impor confinamento ao território”. PS chama gestor ao parlamento. Segurança. Marinha vigia praias nortenhas até ao início da época balnear. Nelson de Souza. Microempresas esgotam apoios numa semana. Stanley Ho. Magnata dos casinos de Macau morre aos 98 anos. Liga. Reta final do campeonato com cinco substituições por jogo. Suspeito da morte de rapper detido ao chegar de Londres

Jornal 

(Edição) Um mês de telescola. "Há pessoas aposentadas que estão a aprender línguas". Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas, diz que o objetivo da telescola "era socorrer os alunos que não têm computador nem outros meios", mas "surgiu esta mais-valia-inesperada". Falsas presenças. Silvano sem imunidade para ser constituído arguido. Férias. Países começam a piscar o olho a veraneantes. México de portas abertas. Rui Moreira acusa TAP de "impor confinamento ao Porto e ao Norte". TVI. Ana Leal suspensa por divulgar emails que trocou com a direção. RTP. Administração via à AR explicar venda de terrenos. Pandemia leva défice para os 1651 milhões até abril.

n
negocios.pt

(Edição) Portugal deverá receber 15,5 mil milhões de euros em subvenções da EU. Só 28% do crédito chegou às empresas-IAPMEI.

Vieira da Silva: "O teletrabalho levanta problemas muito delicados". Antecipar a idade de reforma é uma solução perigosa", alerta o antigo titular da Segurança Social. ATL do ensino básico já não abrem em Lisboa a 1 de junho. PSD disponível para viabilizar Orçamento retificativo. Taxa de juro de Portugal volta a ficar perto da de Espanha. Reembolsos de IRS travam impacto da covid no défice. Obituário. Stanley Ho, o amigo de Portugal que jogava sempre para ganhar. **(Online) Lagarde mais pessimista: recessão na Zona Euro vai ficar entre 8% e 12%.** Covid-19 faz défice subir 341 milhões de euros até abril. Área Metropolitana do Porto diz que é necessário ponderar estratégia para o Norte "com ou sem TAP". BCE adverte para relação entre 'ratings' da banca e do Estado em Portugal. Bruxelas admite que Portugal fica "em desvantagem" nas ajudas estatais. Candidato ao Benfica tem Rádio Estádio em PER com dívidas ao Estado e a jornalistas. Turistas britânicos em Portugal podem ter ponte aérea para evitar quarentena. PSD não vai levantar "obstáculos" no retificativo. PCP pede apreciação de decreto do Governo sobre PPP na saúde.

 **ECO**
economia
online

(Online)- Portugal recebe 15,5 mil milhões em subvenções do Fundo de Recuperação. Bruxelas propõe fundo de recuperação de 750 mil milhões Von der Leyen entre a ambição franco-alemã e resistência dos frugais. Tribunal de Contas descarta

responsabilidade nos atrasos do investimento público. CP sem contrato com Estado só tem dinheiro até junho. Administradores do Estado na TAP ‘votaram’ contra plano de novas rotas. Presidente da República acompanha preocupação sobre plano de rotas da TAP. Rotas reduzidas põem em causa ajuda pública à TAP, alerta o PS. Suspensão do pagamento por conta pode libertar quase quatro mil milhões para as empresas. Parlamento vai ouvir António Ramalho e Carlos Costa. Marcelo promulga lei. Anacom já pode retomar dossiê do 5G. Lone Star coloca Novo Banco em Espanha à venda.



(Online) Comissão Europeia propõe Fundo de Recuperação de 750 mil milhões de euros.

Presidente do Novo Banco e governador do Banco de Portugal vão ser chamados ao Parlamento. “Como nem os bónus foram pagos nem os aumentos [salariais da administração] existiram, será uma audição curiosa”, reagiu António Ramalho depois do Parlamento ter aprovado por unanimidade a sua audição. Fitch revê em baixa previsão do PIB da zona euro e antecipa contração de 8,2% este ano. Reitores de universidades querem aulas presenciais em setembro e verba no Orçamento Suplementar. Alargamento do lay-off aos sócios-gerentes fica pelo caminho, mas parlamento aprova fim do teto nos apoios existentes. Mário Assis Ferreira: Sucessora vai continuar “obra de Stanley Ho em Portugal”. CEO da Ryanair diz que houve um disparo nas reservas do Reino Unido para Portugal, Espanha e Itália.



(Online) Lentidão nos reembolsos fazem disparar IRS em plena crise. Costa. Plano de rotas da TAP “não tem credibilidade”. CP sem contrato com Estado só tem dinheiro até junho. Boeing e Airbus juntam-se para evitar contágio nos aviões.

BCE. Portugal está amarrado aos bancos outra vez e isso é mau. Rotas da TAP também preocupam Marcelo. 10% dos portugueses pediu novo empréstimo à banca. Défice afunda mais de 25% para 1651 milhões em abril. Rui Rio revela que Centeno prevê recessão de 7% este ano.

OBSERVADOR

(Online) Bruxelas propõe fundo de 750 mil milhões. SpaceX. A missão que envia astronautas ao espaço. Montepio. Ministra segura herança de Tomás Correia. Previstas 88 mil mortes no Brasil até agosto- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). TAP. Rio critica "empresa regional da Estremadura". PR promulga proibição de festivais (exceto Avante). DefinedCrowd. Startup liderada por Daniela Braga recebe investimento de 50 milhões. Dentro de uma megaoperação da PSP na Cova da Moura. Pandemia vai agravar problemas provocados pelas vagas de calor, diz Organização Meteorológica Mundial. PF faz buscas em casa de adversário de Bolsonaro. França suspende tratamentos com hidroxiclороquina. Líder do CDS não descarta coligações com o Chega. Petição pela "sobrevivência das farmácias". Infarmed: farmácias têm obrigações legais. Assinaturas e donativos superam apoio estatal.

E

SEMANÁRIO
& DIÁRIO

(Online) PSP detém dois polícias suspeitos de integrar grupo criminoso violento. Vieira da Silva defende mudanças no RSI e alerta para perigos do teletrabalho generalizado: "Não é tudo uma maravilha". PS critica TAP e quer plano com poucos voos para o Porto "corrigido" para defender "interesse do país". Orçamento aprovado à direita? Novo lay-off? O que se sabe (e o que os partidos defendem) sobre o suplementar. Deputados vão pedir para ver contrato de venda do Novo Banco. Pedido do BE aprovado por unanimidade. Rui Rio garante apoio ao Governo no Orçamento Suplementar. Transferência direta das Finanças para o BdP não é inédita, mas é tão rara quanto controversa. Covid-19. Rent-a-car tem 65 mil automóveis parados, alguns até em terrenos agrícolas. "O lémen está a morrer e o mundo está à espera que caia o pano": como "a pior crise humanitária" se agravou com a covid-19. Autoridade da Concorrência anula acordo da Liga e dos clubes para não contratarem jogadores que rescindissem contrato. Benfica. O candidato Bruno Costa Carvalho tem 18 anos de sócio. Os estatutos do clube exigem que tenha 25 para ser presidente. Lojas obrigadas a pagar por terminais multibanco mesmo estando de portas fechadas. Direção Geral do Orçamento revela que défice de €1.651 milhões em abril de 2020 já inclui €479 milhões de dividendos do Banco de Portugal. Em 2019, estes só entraram na contabilidade pública do mês de maio.



(Online) Pandemia “ainda está a acelerar” na América Latina.

Marcelo promulga diploma que proíbe festivais até 30 de setembro. DGS já lançou orientações sobre regresso das visitas aos estabelecimentos prisionais e centros educativos. Teatros e cinemas reabrem a partir de segunda-feira com um lugar de intervalo entre espectadores. Pandemia. PSD admite comissão de inquérito à atuação do Governo. OE Suplementar. PSD viabiliza texto porque é uma correção para o combate à covid.



(Online)- Plano para reerguer dos escombros. Costa faz aviso à

TAP. Finanças admitem atrasos nos reembolsos do IRS. Situação “será corrigida”. Marcelo colocado em segurança em hotel de Cascais durante assalto. Infarmed avisa farmácias que têm obrigações legais e há sanções. BE critica adiamento de 11 meses de consulta de psiquiatria de Braga.

SÁBADO

(Online) Testes à imunidade da Covid-19 são rápidos e baratos, mas muitas vezes estão errados.

Dois agentes da PSP detidos em megaoperação policial. Detido no Porto um dos suspeitos da morte do rapper Mota Jr. Lisboa: Em prisão domiciliária de dia, a incendiar carros à noite. Ana Leal suspensa pela TVI por divulgar emails trocados com direção. Trump usa meme do caixão para “matar” campanha de Biden. Twitter assinala pela primeira vez texto de Trump como notícia falsa.

VISÃO

(Online) O que explica a “situação complexa” da Covid-19 em

Lisboa? É caso para alarme? Covid-19: O Peru fez tudo bem, mas nem assim conseguiu conter a pandemia. Deputado do PSD que propôs referendo à eutanásia demite-se de coordenador no parlamento e deixa críticas a Rio. Covid-19: Governo estima queda do PIB de 7% e financiamento adicional de 13 mil milhões. Novo Banco: Deputados chamam governador do BdP para esclarecer bónus pagos a administradores.



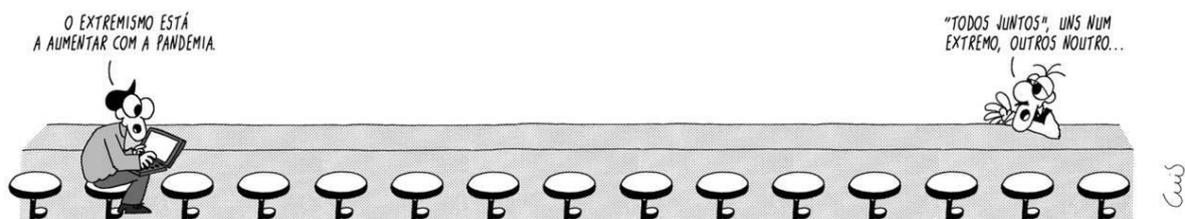
Portugal recebe 15,5 mil milhões da Europa para recuperar da crise. E ainda pode pedir mais em empréstimos. Francisco

Rodrigues dos Santos, o presidente do CDS, prefere dizer que em relação ao apoio do partido a candidatos presidenciais está na retranca. Farmácias em protesto. Comissão Europeia apresenta quarta-feira plano para relançar a economia. Reabertura do comércio. Reabertura dos ATL. Ainda em relação ao desconfinamento há uma regra que é aparentemente diferente da orientação que será seguida no resto do país na próxima segunda-feira. A Câmara Municipal de Lisboa já deu orientações às juntas de freguesia da cidade e na próxima segunda-feira só vão reabrir os ATL para as crianças até aos 6 anos. Regras para visitas a prisões



Farmácias vão parar durante 23 minutos. O Infarmed avisa as farmácias que têm obrigações legais de atender e dispensar medicamentos e há sanções se não forem cumpridas. É a resposta à Associação Nacional de Farmácias que anunciou para hoje uma paragem simbólica de 23 minutos dos serviços farmacêuticos, vai ser às 3 da tarde, hora em que é discutida no Parlamento uma petição com mais de 120 mil assinaturas. As farmácias defendem o pagamento de um conjunto de serviços gratuitos. Foco de Covid-19 no Bairro da Jamaica. Covid-19 num lar em Santarém. Ministério das Finanças está a atrasar pagamentos dos reembolsos de IRS. Comissão Europeia apresenta proposta de Orçamento para os próximos 7 anos. Alex Telles está a caminho de França. A Liga de Clubes anunciou a implementação das 5 substituições.

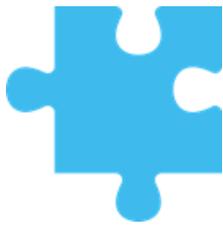
ANTENA 1 Foco de covid-19 no Bairro da Jamaica. 8 idosos de um lar ilegal em Santarém testaram positivo ao novo coronavírus. Libertação de reclusos no âmbito do controlo da pandemia. Vendaval em Almeirim. Farmácias em protesto. Guerra aberta entre Trump e o Twitter



Público- Luís Afonso

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Pandemia já matou mais de 350 mil pessoas em todo **MUNDO**.
- **ESPAÑA** registou 35 mortes devido à pandemia de covid-19 notificadas nas últimas 24 horas, tendo um total de 27.117 óbitos.
- **ITÁLIA** registou 78 novas mortes e 397 novas infeções nas últimas 24 horas. Total 32.955 vítimas mortais.
- O número total de mortos em **FRANÇA** devido à covid-19 é de 28.530, com mais 83 óbitos registados nos hospitais últimas 24 horas.
- Mais 47 mortos na **ALEMANHA**. Total de 8349 mortes.
- **REINO UNIDO** registou 37.048 mortes durante a pandemia de covid-19, após somar nas últimas 24 horas mais 134 óbitos, o número mais baixo desde o início do confinamento a 23 de março.
- Número de mortes sobe na **BÉLGICA**, mas novos casos recuam. Total de 9.364 vítimas mortais.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** com menos de 700 mortos pelo terceiro dia consecutivo. Total de 98.875 óbitos.
- **BRASIL** regista 1.039 mortos e 16.324 casos nas últimas 24 horas. Total de 24.512 óbitos.
- **RÚSSIA** volta a ultrapassar o Brasil no número de infetados (370.680 casos). Total de 3968 óbitos.
- **CHINA** deteta um caso nas últimas 24 horas. Totais: 82.993 infetados e 4.634 mortos.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 3.589 em mais de 119 mil casos.

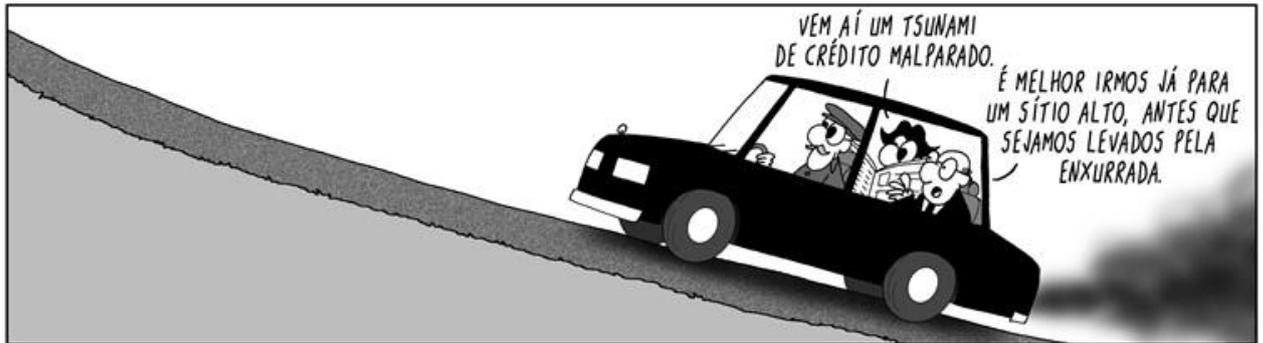


FRASES DO DIA

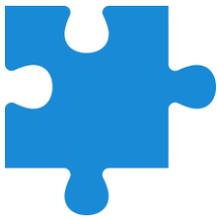
- **"Não tem credibilidade qualquer plano de rotas definido pela TAP, sem a prévia informação sobre a estratégia de reabertura de fronteiras definida pela República Portuguesa", António Costa, Primeiro Ministro.**
- **"A TAP e empresa é uma empresa de ordem regional da antiga província da Estremadura. Uma empresa que não responde ao aeroporto de Ponta Delgada, de Faro, do Porto ou do Funchal é uma empresa regional e não pode ter os apoios de uma empresa estratégica para o país como um todo. Isto para mim é claro", Rui Rio, Presidente do PSD**
- **"A próxima presidência alemã estará no centro da reconstrução da Europa. Estamos seguros de que este é o momento certo para reforçar a nossa União. É isso que os cidadãos estão a pedir: uma UE que beneficie as nossas sociedades e povos", David Sassoli, Presidente do Parlamento Europeu.**
- **"Lisboa e Vale do Tejo não pode, em nenhuma circunstância, e até ver, entrar em total abertura. É uma irresponsabilidade política e de saúde pública. No mínimo, prolonguem o confinamento nesta vasta área, mantenham o teletrabalho no Estado e empresas, e tenham o bom senso, porque não passa disso, de reconhecer que o que aconteceu no Porto, e**

área metropolitana, está agora a verificar-se em Lisboa.”, Luís Delgado, Comentador político.

- **“Nós ainda temos uma lei do trabalho que fixa as 40 horas de trabalho como o limite médio das horas de trabalho. Todos nós ouvimos relatos de pessoas que em teletrabalho trabalham 12 horas seguidas. A interpenetração da vida pessoal e familiar das pessoas com a vida profissional não é isenta de riscos para a nossa saúde coletiva”**, José António Vieira da Silva, ex-Ministro do Trabalho e da Segurança Social.
- **“A recuperação da economia implica mais investimento público e privado, pôr o país a produzir para exportar mais e importar menos. Mas não dispensa, antes exige, um forte incentivo ao aumento dos salários para dinamizar a procura interna, a atividade empresarial e a criação de emprego.”**, Arménio Carlos, Ex-secretário-geral da CGTP-IN
- **“Governo não tem mão na TAP”**, Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto.
- **“A opção sempre foi escolher a via de menor resistência sozinhos ou ir em frente juntos, com ambição e na mesma direção. Nestes momentos decisivos, escolhemos sempre fazer um caminho em frente juntos. As medidas mais audaciosas serão sempre as mais seguras para o futuro”**, Ursula von der Leyen, Presidente da Comissão Europeia.



Luís Afonso- Jornal de Negócios



ARTIGOS SELECIONADOS

COVID-19: PORTUGAL PODE OBTER 26,3 MIL ME DE FUNDO DE RECUPERAÇÃO DA UE

Portugal poderá arrecadar 26,3 mil milhões de euros em subvenções e empréstimos no âmbito do Fundo de Recuperação da União Europeia (UE), após a crise da covid-19, que ascende a um total de 750 mil milhões de euros.

Segundo documentos a que a agência Lusa teve acesso, Portugal poderá ter acesso a um total de 15,5 mil milhões de euros em subvenções (distribuídas a fundo perdido) e a 10,8 mil milhões de euros sob a forma de empréstimos concedidos em condições favoráveis.

Os países mais afetados pela pandemia de covid-19, Itália e Espanha, poderão receber, respetivamente, 172,7 mil milhões de euros (81,8 mil milhões de euros em

subsídios e 90,9 mil milhões em empréstimos) e 140,4 mil milhões de euros (77,3 mil milhões de euros em subsídios e 63,1 mil milhões em empréstimos).

Os subsídios a fundo perdido serão canalizados através de quatro canais, três dos quais novos: o REACT EU (nova iniciativa de apoio à coesão), a Ferramenta de Recuperação e Resiliência, o novo Fundo para uma Transição Justa e através do Desenvolvimento Rural.

Para a chave de alocação dos empréstimos – numa base voluntária, ou seja, os Estados-membros é que decidem se os solicitam –, foi tido em conta o Produto Interno Bruto ‘per capita’ e o nível de dívida, tendo neste caso Portugal sido colocado no grupo de países com um PIB ‘per capita’ abaixo da média da UE e “dívida elevada”.

Em causa está um Fundo de Recuperação que a Comissão Europeia vai hoje apresentar, num total de 750 mil milhões de euros, para a Europa superar a crise provocada pela pandemia da covid-19.

Fontes comunitárias indicaram à Lusa que dois terços do montante do fundo, ou seja, 500 mil milhões de euros, serão canalizados para os Estados-membros através de subsídios a fundo perdido, e os restantes 250 mil milhões na forma de empréstimos.

Fonte: **Agência Lusa**

BRUXELAS PROPÕE FUNDO DE RECUPERAÇÃO DE 750 MIL ME – COMISSÁRIO DA ECONOMIA

A Comissão Europeia vai propor um Fundo de Recuperação de 750 mil milhões de euros para a Europa superar a crise provocada pela pandemia da covid-19, revelou hoje o comissário europeu da Economia, Paolo Gentiloni.

“A Comissão propõe um Fundo de Recuperação de 750 mil milhões de euros, além dos instrumentos comuns já lançados. Um avanço europeu para fazer face a uma crise sem precedentes”, escreveu o comissário italiano na sua conta oficial na rede social Twitter.

De acordo com a agência noticiosa alemã Dpa, dois terços do montante do Fundo, ou seja, 500 mil milhões de euros, serão canalizados para os Estados-membros através de subsídios a fundo perdido, e os restantes 250 mil milhões na forma de empréstimos.

Fonte: **Agência Lusa.**

COVID-19. CHAMAMOS-LHE SEGUNDA VAGA OU SEGUNDA ONDA, OS ESPECIALISTAS ESTÃO À ESPERA DELA

Apesar de muitos países terem diminuído o número diário de casos positivos de covid-19, ainda estamos em plena pandemia e o coronavírus SARS-CoV-2 já se espalhou um pouco por todo o mundo. Com muitos países a aplicar medidas de desconfinamento, já se colocam questões sobre uma segunda vaga da pandemia. Quando acontecerá? Haverá mais casos de infeção? Mas estaremos mais

preparados? Especialistas dizem que a questão não é se esta segunda vaga vai acontecer, mas quando ocorrerá e qual a sua magnitude. E avisam: é preciso continuar a pôr em prática as medidas de saúde pública e o distanciamento social.

Logo no início desta semana, María Neira, diretora do Departamento de Saúde Pública da Organização Mundial da Saúde (OMS), deu uma entrevista à rádio catalã RAC-1 em que abordou a segunda vaga da pandemia: “Os modelos indicam um crescimento gradual até a uma vaga importante, mas esta última é cada vez mais descartada”, disse, reforçando que, por agora, aquilo que é certo é que estamos mais preparados do que antes.

Ao PÚBLICO, María Neira esclareceu que aquilo que queria dizer é que um dos cenários possíveis é o de uma segunda vaga da pandemia “menos dramática do que a anterior porque estamos mais bem preparados”. E exemplificou que os lares de idosos – onde vivem pessoas de um grupo de risco – estão mais protegidos, a gestão de doentes nos hospitais melhorou e existe um robusto sistema epidemiológico para se detetarem casos de forma imediata.

“O risco de novas ondas é real, mas é difícil de saber qual a probabilidade [das suas dimensões], mas temos de ser extremamente cuidadosos quanto a essa possibilidade”, adiantou. María Neira refere que as próximas semanas são “críticas” e que não se devem aliviar demasiado as medidas de saúde pública já postas em prática. Por isso, realça que para se evitar uma grande segunda vaga deve manter-se um elevado nível da preparação, de capacidade de testes e tratamentos. “A forte participação da comunidade é crucial a nível do

distanciamento social, da lavagem das mãos, da etiqueta respiratória, entre outras.”

No mesmo dia (segunda-feira), na conferência de imprensa diária da OMS, Mike Ryan (director executivo do programa de emergência da organização) também abordou as vagas desta pandemia. O especialista em emergências lembrou que o mundo ainda está a meio da primeira vaga e, se há países em que o número de casos positivos está a baixar, há outros em continua a aumentar, nomeadamente na América Central e do Sul, em África e no Sul da Ásia.

Também alertou que uma segunda vaga pode ser uma realidade para os países daqui a uns tempos: “Quando falamos de uma segunda vaga, classicamente, o que muitas vezes queremos dizer é que haverá uma primeira vaga da doença por si só, e que ela se repetirá meses mais tarde. E isso pode ser uma realidade para muitos países dentro de alguns meses.”

Contudo, avisou que só porque o número de casos está a diminuir nalguns sítios não quer dizer que não haja subidas ainda durante esta vaga: “Podemos ter um segundo pico nesta vaga”, afirmou. Como tal, para que não haja uma segunda vaga de imediato e não andemos para trás, é preciso continuar a seguir as medidas de distanciamento social e de saúde pública.

Proteger grupos de risco

As questões em torno da segunda vaga têm vindo a ser levantadas. Na semana passada, Andrea Ammon, directora do Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC), disse em entrevista ao The Guardian que a Europa se deve mesmo preparar uma segunda vaga: “A questão é quando e quão grande, essa é

a questão na minha opinião.” Por sua vez, Erika Vlieghe, que lidera o departamento de doenças infecciosas do Hospital Universitário da Antuérpia, referiu há duas semanas à Político que “seria ingénuo pensar que [com o vírus já espalhado pela Europa] tudo terminaria aqui”.

Também o virologista Pedro Simas afirma que haverá uma segunda vaga: “Para um virologista, [a questão] não é se essa segunda vaga vai acontecer, é quando vai acontecer e com que magnitude.” Para nos explicar o porquê dessa segunda vaga, o cientista do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes (em Lisboa) relembra que a imunidade populacional ao vírus ainda é baixa em todo mundo. “As pandemias ocorrem precisamente porque não há imunidade populacional”, assinala.

Portanto, além de a população ainda estar suscetível, o vírus já está disseminado um pouco por todo o mundo e sabe-se que é altamente contagioso devido às “infeções invisíveis” que vai deixando – os tais assintomáticos. “O potencial pandémico é maior agora do que era anteriormente porque o vírus está espalhado em todo o lado.” Também ainda não há uma vacina, que é a outra forma de se construir imunidade de grupo além da infeção natural.

Quanto à magnitude dessa segunda vaga, o virologista refere que tudo vai depender de como aplicamos as medidas de prevenção e daquilo que os países fizerem. E poderá esta vaga ser mais ou menos grave do que a primeira? Pedro Simas chama a atenção para o significado do que se considera grave. Essa vaga só seria grave sobretudo se a mortalidade fosse elevada e o Serviço Nacional de Saúde (SNS) ficasse sobrecarregado, refere.

“Em termos de infeções, pode ser uma vaga muito maior do que a primeira, mas em termos de mortalidade até pode ser menor – isto se soubermos defender os grupos de risco, porque já temos informações e ferramentas para os proteger”, esclarece. E lembra que assim se está a construir a imunidade de grupo protegendo, ao mesmo tempo, os grupos de risco.

“É preciso preparar as pessoas para uma possível segunda vaga muito maior em termos de infeções”, resume, ressaltando que é importante considerar esta possibilidade para que não se crie pânico na sociedade. Afinal, com o desconfinamento há um contacto maior entre as pessoas, o que leva a um aumento proporcional de infeções. Contudo, ao contrário da primeira vaga, agora já estamos mais preparados pelo menos a nível científico e a sociedade educada para os perigos.

Por isso, Pedro Simas deixa duas grandes mensagens. A primeira é então sobre o possível aumento de infeções: “O número de casos vai aumentar e isto não é necessariamente mau, só é mau se não conseguirmos proteger os grupos de risco e o SNS.” A segunda é que, para se ter o controlo sobre esta segunda vaga, as pessoas têm de seguir as indicações da Direcção-Geral da Saúde, nomeadamente sobre o uso de máscaras, o distanciamento social e a higiene. “Tem de haver alguma cautela para não se estragar tudo aquilo que se fez e não se entrar no descontrolo.”

O novo normal

Carla Nunes, diretora da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, também avisa que é preciso ter cuidado com o desconfinamento e que

devemos manter o distanciamento social, bem como o uso de máscara e a lavagem das mãos. A especialista em estatística e saúde pública recorda que, no início da pandemia, não tínhamos nenhum destes cuidados, não havia ninguém com imunidade na população e não estava em prática um sistema de vigilância (por exemplo, a nível dos testes) como hoje. “Por isso, neste momento pensa-se que talvez não vá haver uma segunda grande vaga, mas vai haver ondas.”

Carla Nunes explica que opta por usar estes dois diferentes conceitos para nos diferenciar a dimensão do que pode acontecer: a vaga (uma grande onda) põe em causa o sistema de saúde e a letalidade e mortalidade atingem valores que não são comportáveis; já as ondas são aumentos de casos que o sistema ainda consegue controlar, ou seja, a maior parte dos casos seria nas populações mais jovens ou nos assintomáticos.

“Não são conceitos propriamente científicos. São só comparações que estou a usar, porque uma coisa são ondas que sobem, descem e vivemos com elas e outra coisa é uma vaga com que não conseguimos lidar”, justifica, destacando que até seria estranho se não existissem estas subidas. Portanto, para si e com aquilo que se sabe hoje, poderá haver subidas no número de infeções que serão controláveis, as tais ondas.

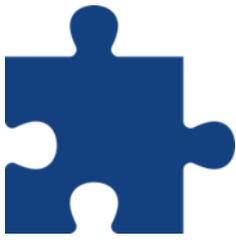
Também destaca que ainda há muita incerteza em todo este processo e muitos estudos ainda a serem realizados. Apesar de tudo, agora a população já está mais sensibilizada, os sistemas de vigilância mais alerta e houve uma reorganização a nível dos serviços de saúde, o que nos dá margem para desconfinar e saber que os números vão aumentar.

Carla Nunes diz que o conjunto de regras que nos eram “estranhas” – como as máscaras e o distanciamento social – são o “novo normal”. “Este novo normal vai permitir-nos ter ondas e evitar uma segunda grande vaga, ao nível de algo que passa para um nível descontrolado.” Como tal, faz um grande aviso: “Desconfinem com segurança.”

Na mesma lógica, Marc Lipsitch, epidemiologista da Universidade de Harvard, nota ao PÚBLICO que a probabilidade de uma segunda vaga depende não só do vírus, mas também dos comportamentos coletivos e individuais. “Já estamos a observar uma explosão repentina de casos em alguns sítios que estão a desconfinar”, aponta. Mas o epidemiologista realça que, se essas explosões repentinas forem controladas e a reabertura for feita de forma consciente e com atenção aos prognósticos dos novos casos, esses locais poderão evitar uma grande onda – embora se esperem mais casos devido ao aumento da interação social.

“Prevejo que em muitos locais o processo será menos cuidadosamente controlado e que exista um aumento substancial de casos diários – uma segunda vaga – no Verão ou no Outono, dependendo de qual for o efeito do clima e de quão rápido se fizerem as reaberturas [dos países]”, avisa. “Não há razão nenhuma para acreditar que uma reabertura substancial possa acontecer sem um aumento na transmissão.”

Fonte: **Público**



OPINIÃO

AS CINCO CRISES E AS SOLUÇÕES

A depressão económica global resultante da pandemia vai aumentar a pobreza, a fome e a pressão migratória nas economias emergentes e em desenvolvimento, especialmente nas que mais dependem da exportação de matérias-primas.

A crise financeira e económica de 2008, com origem nos EUA, contraiu fortemente a economia global e diminuiu o bem-estar e a prosperidade económica em todos os países, embora de forma diferenciada, incluindo Portugal que foi particularmente afetado no contexto da União Europeia (UE). O mundo estava finalmente liberto dessa crise, quando surge no final de 2019 a crise da pandemia covid-19 cujo combate exigiu o confinamento e consequentemente uma acentuada quebra da atividade económica e uma provável depressão.

Entretanto, desde há mais de uma década, pelo menos, há umas quantas pessoas que teimam em afirmar que vivemos duas outras crises globais relativas a algo aparentemente mais afastado dos objetivos de prosperidade económica. A primeira é a crise ambiental, que se traduz pela perda de integridade da biosfera, pela poluição da atmosfera, mar, recursos hídricos e solos, e pela sobre-exploração dos recursos naturais. A segunda é a crise climática que se traduz pelo

aumento progressivo da temperatura média global da atmosfera, pela mudança nos padrões regionais da precipitação anual, pelo aumento da frequência e intensidade de alguns eventos meteorológicos extremos, especialmente ondas de calor, secas, eventos de precipitação intensa em períodos curtos, temporais extratropicais e ciclones tropicais e ainda pelo aumento do nível médio global do mar.

Mas há ainda mais duas tendências de natureza socioeconómica que pela sua magnitude, persistência e extensão constituem crises globais. A primeira é a crise das desigualdades socioeconómicas associada à emergência da classe do 1% da população mundial, que controla grande parte do poder económico e financeiro, com a conivência mais ou menos explícita dos governos, e caracterizada pelo desacoplamento entre o aumento da produtividade económica e o crescimento do emprego, pelo aumento da percentagem relativa a lucros na receita global e por uma maior taxa de retorno do capital do que a taxa de crescimento económico. A segunda é a crise global da dívida pública e privada, fortemente impulsionada pelo aumento da dívida privada na maioria dos países. De acordo com o relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) do final de 2019 a dívida privada global a preços reais triplicou desde 1950 e em finais de 2019 a dívida global (pública e privada) atingiu 184 milhões de milhões de dólares, equivalente a 86,000 dólares per capita, um valor mais elevado do que antes da crise de 2008-2009.

Estas cinco crises estão fortemente relacionadas e algumas são interdependentes. A crise da covid-19 está relacionada com a crise ambiental, através da crescente

transgressão dos habitats naturais que restam no Sistema Terra o que favorece o contacto humano com reservatórios de vírus em animais selvagens que se podem aproveitar esse contacto para evoluírem por meio de mutações e alojarem no corpo humano. Enquanto a alimentação dos povos indígenas com animais selvagens segue paradigmas culturais construídos durante milénios, a ingestão desses animais na atualidade por não-indígenas não tem memória do passado e é dirigida por modas recentes e oportunidades de lucro oferecidas pelas leis do mercado. A solução da crise económica gerada pela pandemia implica necessariamente um aumento do endividamento público para recuperar e incentivar a economia. Porém, o conseqüente agravamento da crise da dívida global irá tornar mais difícil o crescimento do PIB em muitos países, sobretudo naqueles que já tinham uma elevada dívida antes da pandemia. Finalmente, a crise da covid-19 irá agravar ainda mais as desigualdades socioeconómicas, particularmente as que estão associadas ao fosso Norte-Sul. A depressão económica global resultante da pandemia vai aumentar a pobreza, a fome e a pressão migratória nas economias emergentes e em desenvolvimento, especialmente nas que mais dependem da exportação de matérias-primas.

Finalmente, no que respeita às alterações climáticas estima-se que as emissões globais de CO₂ em 2020 venham a ser cerca de 8% mais baixas do que em 2019. É a maior redução de emissões de CO₂ provocada por todas as crises globais dos séculos XX e XXI, incluindo a pandemia da gripe espanhola, a Primeira Guerra, a Grande Depressão dos anos de 1930, a Segunda Guerra e a crise de 2008-2009. Esta redução vai no sentido certo para resolver a crise climática, mas espera-se

que rapidamente as emissões regressem aos valores anteriores à pandemia dado que provavelmente a forte dependência global nos combustíveis fósseis irá continuar. Seria necessário reduzir de 6,5% as emissões anuais de CO₂ durante toda a década de 2020–2030 para cumprir o Acordo de Paris das Nações Unidas que visa não ultrapassar 2° C de aumento da temperatura média global relativamente ao período pré-industrial.

Para controlar a crise climática é necessário estabilizar a concentração atmosférica de gases com efeito de estufa e esta só se dá quando as emissões tenderem para zero. É como se reduzíssemos de 8% o débito de uma torneira que verte água para uma piscina. O nível da água sobe menos, mas enquanto a torneira estiver aberta continua a subir. É provável que as consequências económicas da pandemia levem a atingir-se mais cedo o pico de consumo global do carvão, mas o pico de consumo global de petróleo dificilmente ocorrerá antes de 2030 e o de gás natural mais tarde.

Estas suposições pressupõem que continuamos no mesmo sistema económico e financeiro global das últimas décadas e no business as usual. A crise da pandemia constitui uma oportunidade para mudar de rumo e há muitas pessoas através do mundo que estão empenhadas em construir a partir daqui um mundo mais sustentável. Será possível? Como fazer? Quais as soluções?

Para entender a época atual é importante analisar os EUA, o país líder do mundo Ocidental, a maior potência económica e sobretudo militar do mundo e também o país líder da família dos países anglo-saxónicos com economias avançadas que se constituiu a partir do Império Britânico e inclui além da Grã-Bretanha, o Canadá,

Austrália e Nova Zelândia. Esta família não é uma nação, nem uma federação, como previu Herbert George Wells em 1901, mas revela-se pragmaticamente unida quando as circunstâncias assim o requerem e constitui o grupo económico e militar mais poderoso e organizado no mundo. Estamos a meio caminho da Oceânia, o superestado oligárquico anglo-saxónico que em 1949 George Orwell imaginou vir a existir em 1984.

O atual presidente dos EUA, Donald Trump tinha nas sondagens de há um ano uma percentagem favorável de 41,1% contra 53,8% desfavorável. Em 20 de maio, mais de três meses após o início da pandemia, as percentagens são praticamente idênticas com 42% favorável e 53% desfavorável (Quinnipeg University Poll, 20 de maio 2020), apesar dos EUA serem no mundo, o país com maior número de infetados, 1.696.547, e de mortos, 99.561, em 25 de maio. O presidente não compreende, desacredita e nega a ciência, dá conselhos absurdos e perigosos aos doentes e exhibe um comportamento patologicamente sectário. A sua principal preocupação é manter Wall Street em alta e impedir o crescimento económico da China. Defende de forma apaixonada o uso dos combustíveis fósseis, especialmente do carvão, e anula grande parte da legislação de proteção do ambiente do seu antecessor. O governo dos EUA planeia realizar o seu primeiro teste nuclear depois de 1992, quando apenas a Coreia do Norte ainda provoca tais explosões, e decidiu abandonar unilateralmente o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INFT), assinado por Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev em 1987. Ações que aumentam o risco de uma guerra nuclear.

Os seguidores da magia do Make America Great Again (MAGA) deliram com as patologias do seu presidente porque irritam e ofendem os seus adversários mais cidadãos e intelectuais e os meios de comunicação social. Na tentativa de se perceber este delírio diz-se que são guerras culturais ou tribalismo, mas Trump ainda poderá ser reeleito em novembro. Estes excessos ultraconservadores e nativistas não se limitam aos EUA. Também surgem na Europa e no Brasil com movimentos chamados populistas de extrema-direita que se recusam a pensar o mundo atual por meio da ciência e de forma integrada. Preferem a utopia, a negação da realidade e a raiva.

Neste contexto político ocidental, com uma liderança assustadora, torna-se mais difícil fazer as reformas transformacionais que as soluções das quatro crises de longo prazo requerem. Todas elas estão ancoradas no atual sistema económico e financeiro que continua global apesar das tendências recentes para o protecionismo e a fragmentação. Sem o reorientar efetivamente para a sustentabilidade não será possível avançar. As crises do ambiente e do clima são por natureza globais pelo que exigem a cooperação ativa de todos os países para encontrar vias de solução.

Apesar das suas vicissitudes e da excessiva energia que gasta em resolver os problemas internos, a UE constitui uma realização notável, especialmente no que respeita à paz, aos direitos humanos, à liberdade de circulação e residência dos cidadãos, ao seu desenvolvimento científico e cultural, às suas ambiciosas políticas ambientais e ao seu pioneirismo em construir um programa de sustentabilidade baseado na ciência, através do Pacto Verde Europeu. A UE deveria

ter uma atitude política sobre o confronto crescente dos EUA com a China e uma perspetiva mais interventiva para além das suas fronteiras sobre as crises contemporâneas globais.

A pergunta que habitualmente se faz é se se está otimista ou pessimista. Penso que esta é uma oportunidade única de intervenção, que nos deve redobrar o ânimo e o empenhamento. O mais importante é persistir em defender os valores essenciais do Ocidente que herdamos inicialmente do Iluminismo e que privilegiam os direitos humanos, a democracia, o progresso humano, a prevalência da ética acima dos interesses pessoais, o método científico, a sustentabilidade de uma civilização inclusiva que defende a liberdade, a cooperação e a solidariedade, protege a integridade da biosfera e respeita o Sistema Terra como sendo a sua casa.

Filipe Duarte Santos, Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Fonte: **Público**

O FIM DO SONHO CHINÊS DA EUROPA- MARK LEONARD

BERLIM – Uma mudança de paradigma está a ocorrer nas relações entre a União Europeia e a China. A crise do COVID-19 desencadeou um novo debate na Europa sobre a necessidade de maior “diversificação” da cadeia de produção e, portanto, de uma dependência excessiva da China. Não será fácil e não acontecerá

rapidamente. Mas, claramente, a Europa abandonou sua ambição anterior de manter uma relação económica bilateral mais intimamente com a China.

No passado, quando os europeus procuraram reformas comerciais, económicas e de política externa em relação à China, a esperança era sempre aumentar o contato com o país, tornando o relacionamento mais justo e recíproco. O objetivo básico era expandir o comércio bilateral e abrir o mercado chinês para investimentos europeus. Mesmo quando a União Europeia endureceu a abordagem em relação à China, o objetivo ainda era o de aprofundar os laços económicos com o país. A criação de novos instrumentos da UE para rastrear investimentos e aplicar medidas anti-trust foram apresentadas como medidas lamentáveis, mas necessárias, para criar as condições políticas para uma cooperação mais estreita.

Num relatório publicado no início deste mês, Andrew Small, do Conselho Europeu de Relações Exteriores, argumenta que o compromisso da UE com a China terá um novo objetivo: estruturar o relacionamento sino-europeu de maneira a reduzir a dependência da Europa do comércio e dos investimentos chineses. O novo consenso é que os europeus deveriam estar mais isolados dos caprichos de governos estrangeiros não confiáveis ou dominadores, seja em Pequim ou em Washington, DC.

Este novo pensamento é evidente nas declarações dos principais funcionários da UE. Por exemplo, Josep Borrell, Alto Representante da UE para Assuntos Externos e Política de Segurança, pediu recentemente aos europeus que reduzam e diversifiquem as cadeias de produção e considerem mudar os laços comerciais

da Ásia para a Europa Oriental, os Balcãs e a África. No mesmo sentido vai a comissária para a concorrência da UE, Margrethe Vestager, que quer alterar as regras dos auxílios estatais para proteger as empresas europeias das aquisições chinesas.

Por outro lado, a maioria dos governos europeus não queriam uma mudança de estratégia. Até agora, investiram fortemente numa relação de cooperação com a China; sob o ponto de vista prático, agora têm estado desesperados por equipamentos médicos fabricados.

No entanto, três fatores alteraram o cálculo estratégico da Europa. O primeiro é uma mudança de longo prazo na China. A política anterior da UE com a China baseava-se na chamada aposta de convergência, sustentada na convicção de que a China gradualmente se tornaria um cidadão global mais responsável se fosse bem-vinda nos mercados e instituições internacionais.

Em vez disso, aconteceu o contrário. Com o presidente Xi Jinping, a China tornou-se mais autoritária. Como o estado chinês aumentou seu papel na economia e os mercados chineses tornaram-se menos hospitaleiros para as empresas europeias, as políticas de assinatura de Xi – Made in China 2025, China Standards 2035 e a Belt and Road Initiative – não apenas forçaram as empresas europeias a sair do mercado chinês, mas também exportou o modelo da China para o exterior. A China deixou de estar apenas a competir por uma parcela da produção de baixo valor agregado. Está a subir rapidamente a cadeia de valor global e a penetrar nos próprios setores que os europeus consideram centrais para seu próprio futuro económico.

Segundo, os Estados Unidos adotaram cada vez mais uma visão mais hawkish da China, particularmente desde que o presidente dos EUA, Donald Trump, chegou à Casa Branca. Muito antes da pandemia, uma "dissociação" mais ampla das economias dos EUA e da China já estava em curso. Esta mudança ocorreu de forma abrupta e foi um choque para os europeus, que de repente tiveram de se preocupar em não serem atropelados na disputa sino-americano.

Veja-se a forma como muitos estados europeus estão a lutar para aplacar os EUA e a China pelo papel da gigante chinesa de tecnologia Huawei na construção de redes 5G europeias. Em teoria, o novo ceticismo da Europa em relação à China deveria ter aberto o caminho para uma cooperação transatlântica mais estreita sobre esse assunto. Mas, ao atacar a Europa com tarifas, sanções secundárias e outras provocações, o governo Trump baralhou o que deveria ter sido uma escolha clara.

Mas o terceiro (e mais surpreendente) desenvolvimento foi o comportamento da China durante a pandemia. Após a crise financeira global de 2008, a China parecia tornar-se uma potência global responsável, participando nos esforços coordenados de estímulo e até adquirindo euros e investindo em economias sem dinheiro. Mas, não desta vez.

Veja-se um episódio revelador da pandemia. No início deste ano, quando o coronavírus se espalhava por Wuhan, os estados membros da UE enviaram quase 60 toneladas de equipamentos médicos para a China. Muito desse material provinha de reservas estratégicas nacionais e foi enviado discretamente, a pedido da China. Por outro lado, quando a pandemia chegou à Europa, o governo chinês

fez uma grande encenação ao oferecer “ajuda” à Europa – grande parte da qual realmente veio acompanhada de uma fatura.

Pior, a China tem usado a capa da crise do COVID-19 para procurar acordos económicos politicamente controversos, como um plano ferroviário de Belgrado-Budapeste financiado pela China que foi contrabandeado pela Hungria como parte de seu pacote de emergência COVID-19. Da mesma forma, a Huawei tem argumentado a importância de lançar a rede 5G no quadro da atual crise. E no Reino Unido, um fundo de capital de risco estatal chinês tentou recentemente assumir o controle de um dos principais fabricantes de chips do país, a Imagination Technologies.

Desde que a crise eclodiu, a UE demonstrou maior disposição de recuar perante as campanhas de desinformação chinesas e adotou medidas para proteger as empresas europeias em dificuldades de serem compradas por investidores chineses. Mas os movimentos mais graves ainda estão por vir. Os europeus em breve começarão a transformar a conversa sobre "diversificação" em ação.

De uma forma ou de outra, as mudanças estruturais que operam na ordem global podem eventualmente ter produzido um novo debate sobre a China. Mas agora que o COVID-19 sublinhou as dependências da Europa e as verdadeiras intenções da China, uma mudança estratégica está bem encaminhada.

Mark Leonard, Diretor do Conselho Europeu de Relações Exteriores

Fonte: **Project Syndicate**

